

Kolbassá, Sovok: uma rapsódia para o fim do império soviético

Marcelo Figueiredo Silva^I

Resenha recebida em 06/09/2018 e aceita em 02/10/2018

Num instigante texto sobre ‘o tempo e os tempos’ da história, o professor Alfredo Bosi cunhou a bela expressão “densidade acumulada dos eventos”^{II} de modo a nos chamar atenção para as dificuldades inerentes do contar, do narrar a História, em meio à multiplicidade de perspectivas da ação humana. Diante de tal densidade factual, como trançar a sua lógica? Dados os riscos envolvidos na arbitrariedade do corte diacrônico, fixando pontos luminosos – datas como pontas de um *iceberg* –, mas sem o qual aventura-se a se perder no ‘negrum’ do imemorial, o historiador e o narrador se entrecruzam no registro do passado.

É justamente nesse entrecruzar que o livro **O fim do homem soviético**, de Svetlana Aleksíevitch, seu mais recente lançamento no Brasil, transita. A sua estranheza à primeira leitura, e muito de sua originalidade, deve-se ao fato de escanchar os limites entre o registro histórico e a arte narrativa. Não espere o leitor uma reconstrução cerrada do contexto histórico da brusca transição do antigo regime soviético em direção à liberalização política e econômica ocorrida no início da década de 1990. A mirada da autora está centrada nessa transição, mas pela captura, algo sentimental, de uma subjetividade coletiva. Ao afastar-se deliberadamente da exatidão das localizações espaciais e temporais – datas? – para recontar a história recente da desintegração do antigo império soviético, Aleksíevitch rejeita o mero factual, ou a frieza documental, para assim vislumbrar o que permanece ainda submerso, ideologicamente ativo na dinâmica social: a forma mental do *homo sovieticus*, configurada após anos e anos de forte doutrinação e controle estatal, mas que culturalmente também se beneficiava da longa tradição autoritária e hierárquica de um regime servil que perdurou até o século XIX.

E essa não era uma simples metáfora. O ideal de formação desse ‘novo homem’ fora forjado num longo percurso temporal com o controle ideológico da narrativa histórica, gestado desde a *Conferência Nacional de Historiadores Marxistas* em 1928, e consubstanciado no famigerado manual *curso breve*, espécie de catecismo político para as massas^{III}. Não por acaso o evento coincide com a ascensão de Stálin ao poder absoluto, o qual autoriza uma tiragem de 50 milhões de exemplares. Esse percurso, que passa pela censura nos conteúdos de ensino, deságua no recrudescimento doutrinário após a queda de Khruschóv e a crescente influência de Mikhail Suslov como ideólogo de Brêjniev. Dessa forma, fica mais compreensível o objetivo da autora:

O comunismo tinha um plano insano: refazer o “velho homem”, o antigo Adão. E conseguiram fazer isso... Talvez tenha sido a única coisa que conseguiram fazer. Depois de setenta e tantos anos, no laboratório do marxismo-leninismo, cultivaram uma espécie humana peculiar, o *homo sovieticus*. Uns consideram-no um personagem trágico, outros o chamam de *sovok*.

A sensibilidade desse *Sovok*, termo pejorativo para se referir àqueles que aderem cegamente à ideologia oficial, é rastreada nos conflitos que se seguem à abertura com a aderência dos mais jovens ao capitalismo. Aí está a grande pirueta metodológica forjada pela autora, e seu elemento de força. Ao vocalizar seus entrevistados, revela-se no emaranhado dos depoimentos a coexistência de duas temporalidades que se enfrentam representadas num conflito geracional em que o novo força a passagem por entre estruturas mentais sedimentadas ao longo de décadas. Esse conflito se dá essencialmente no plano da subjetividade, e é somente nele que a objetividade dos fatos históricos faz sua entrada em cena.

Os que acompanharam o depoimento da autora na edição de 2016 da FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty) compreenderam o porquê das insistentes perguntas sobre o método escrita da autora. São entrevistas colhidas num arco temporal de dezoito anos.

Em obras anteriores da autora, frequentemente o tema associado ao livro já orbitava o registro das memórias, da oralidade que perpassa a construção narrativa. Logo, eram os relatos recolhidos que davam carnalidade ao tema vivido na história. Assim, em **A guerra não tem rosto de mulher**, um de seus primeiros títulos, o tema da participação feminina no Exército Vermelho no front da Segunda Guerra, assunto tabu até então para o regime, é que encaminha a coleta dos depoimentos, num esforço de reconstituição. Um procedimento bem mais afim do fazer historiográfico. Já em **Vozes de Tchernóbil** impressiona a densidade narrativa a criar tensão dramática a partir da descrição dos eventos centrais da tragédia nuclear. Na obra que agora se publica no Brasil, deve-se matizar ao máximo tal recurso, uma vez que a história aqui somente se revela como subjetividade.

Em **O fim do homem soviético**, o tema (ou os temas, afinal não está dado inequivocamente) parece surgir como decorrência narrativa, síntese forçada, ainda que intencional, em que os diversos tempos da memória não comportam um ponto de fuga exclusivo. Ou seja, é o trabalho da narradora que forja, a partir de uma dissonância principal ancorada no conflito geracional, uma visão de mundo depurada. É, sobretudo, um trabalho gigantesco de edição. O que a faz se aproximar dos procedimentos literários típicos associados à tradição narrativa oral. A distinção feita por Walter Benjamin em seu ensaio “o narrador” entre experiência e informação torna-se ilustrativa desse procedimento. Enquanto a informação se esgota em sua novidade, a experiência se reconstrói no tempo: “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”^{IV}.

Nesse sentido, a opção de título da tradução brasileira, seguindo assim a anterior edição portuguesa, busca captar para o leitor um caminho dentro das possibilidades abertas pela leitura. Não necessariamente o melhor. O que revela bastante da complexidade da obra, uma vez que seu título original não o indica. Em russo, a opção se dá pelo bem mais fidedigno *Vremia Sekond Hend* (Época do *second-hand*), expressão retirada de uma passagem do livro em que a autora se confronta com as dúvidas sobre o futuro que se abre após a crise social decorrente do fim do regime soviético. Convenhamos que a manutenção da correspondência do título com o original russo, como o fazem as traduções em língua inglesa, talvez fosse demasiado ineficaz como proposta mercadológica.

Mas afinal de que trata o livro? A guiar-se pelo título em português, seu tema é o fim de uma era, o período soviético que domina todo o século XX e configura a vida mental de seus habitantes. Mas ao lermos a obra, deparamo-nos quase com o seu contrário mesmo. No fundo, o homem soviético, o novo homem forjado nas doutrinas do Estado, recusa-se a morrer, retirar-se de cena. Representada por uma consciência determinista da história, o homem soviético, vive sob as camadas de choque de capitalismo advindos da *Perestroika* e da *Glasnost*. Ele sobrevive; inclusive à luz dos acontecimentos políticos atuais. Ou a Era Pútin no fundo não seria a vingança desse homem soviético destronado de sua estabilidade, um princípio de ordem e recomposição da mística do grande império, ou mais pragmaticamente, de seu retomar do lugar perdido no jogo político das relações internacionais. Contemporaneamente, a anexação da Crimeia ilustra-o bem. Afirma-o de outra maneira uma das vozes presentes no livro: “A minha cabeça tem uma forma soviética, tem essa matriz, passei metade da minha vida no socialismo. Isso ficou em mim. Não tem como tirar. E não sei se quero me livrar disso”.

Objetivamente, o livro é a elaboração de um extenso panorama de um dos momentos mais dramáticos da história dos povos do leste europeu: o fim do Bloco Soviético. Dividido em duas partes, a primeira cobrindo os anos de 1991 a 2001, e a segunda parte de 2002 a

KOLBASSÁ, SOVOK: UMA RAPSÓDIA PARA O FIM DO IMPÉRIO SOVIÉTICO

MARCELO FIGUEIREDO SILVA

2012, o livro revela todo o drama da tragédia social que se seguiu à abertura ao feitiço de revolução, sem transição, uma ruptura pura e simples, pelas vozes entre desesperada e inerme de seus atores obscuros. O estado de anomia social em que caíram as antigas repúblicas soviéticas é tão somente um pano de fundo para uma investigação mais profunda da vida psíquica de um povo.

Pela ótica majoritariamente intuitiva das testemunhas, os eventos históricos aparecem desnudados na consciência das vozes. Estão ali o ‘putsch’ fracassado contra o governo Iéltsin e sua conseqüente resistência popular, o horror das máfias que tomaram de assalto os espaços deixados vazios pelo Estado, o desespero da hiperinflação a corroer toda perspectiva futura, o desabastecimento alimentício que exacerba o sentimento de desonra frente aos ocidentais, o desencanto com as promessas democráticas que ao fim possibilitam a ascensão de Pútin. Enfim, é a história em sua inteireza, mas como cenário para o drama psicológico, entorno do qual a escritora exercita seu trabalho de edição.

Aliás, Adam Hochschild, em resenha para o *The New York Times*, questiona justamente sobre este ponto. Para ele, a autora fornece muito pouco ou quase nenhuma informação sobre seus sujeitos, seu contexto, além de uma quase criptografia. De fato, suas vozes coletadas pouco saem do terreno da subjetividade. Nada a estranhar. Se o objetivo era conseguir uma síntese da estrutura mental de uma época, uma verdadeira *weltanschauung* (cosmovisão) em conflito com a nova ordem capitalista, a autora provavelmente logrou sucesso.

O livro transforma com brilhantismo uma época em personagem principal. Um procedimento literário de grande força inventiva, capaz de redimensionar até mesmo um aspecto secundário da cultura culinária russa, a *kolbassá*, em algum tipo de *leitmotiv* a conduzir a narrativa. Sua presença constante e insistente ao longo do livro é suficiente para nos indicar que o trabalho de edição da autora busca reforçar os aspectos simbólicos que reforçam a vida mental de uma época. A *kolbassá* une as pontas históricas de uma época de transição. A ausência e fatura, o tradicional e o novo, capitalismo e comunismo.

A concessão do Nobel de Literatura à jornalista e escritora bielorrussa em outubro de 2015 nos possibilitou o acesso a uma obra incisiva e original, mas que igualmente nos força a repensar as fronteiras entre história, jornalismo e literatura.

Notas

^I Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: mafis100@gmail.com

^{II} BOSI, 1992, p.19.

^{III} REMNICK, 2017, p.70.

^{IV} BENJAMIM, 1987, p.201.

Referências Bibliográficas:

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **O fim do homem soviético**. Trad. Lucas Simone. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 3ªed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p.197-221.

BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. In: NOVAES, Adauto (org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de São Paulo, 1992, p.19-32.

KOLBASSÁ, SOVOK: UMA RAPSÓDIA PARA O FIM DO IMPÉRIO SOVIÉTICO

MARCELO FIGUEIREDO SILVA

REMNICK, David. **O túmulo de Lênin**: os últimos dias do Império soviético. São Paulo: Companhia das letras, 2017.